

## **Em terra verde também brilha o arco-íris: resistência LGBTQIAPN+ ao conservadorismo rural brasileiro**

Jeam Claude de Souza Gomes<sup>1</sup>  
Winifred Knox<sup>2</sup>  
Pedro Henrique Bezerra de Farias<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe uma investigação fundamentada na análise de gênero sobre as práticas de resistência adotadas por sujeitas LGBTQIAPN+ inseridas em contextos rurais no estado do Rio Grande do Norte, frente à heteronormatividade, violência e à LGBTQIAPN+fobia. A pesquisa parte da premissa de que em comunidades pequenas, o controle sobre o indivíduo é mais acentuado, e que as representações veiculadas pela mídia e redes sociais criam um imaginário ideal de liberdade e vivência LGBTQIAPN+ nas áreas urbanas e metropolitanas, onde a expressão das (des) identidades de gênero é facilitada. Destarte, considera-se que uma das formas de resistência é o movimento migratório para os grandes centros urbanos. Entretanto, questiona-se se essa suposta busca por liberdade cosmopolita representa efetivamente uma maior emancipação, ou se constitui apenas um componente do imaginário positivo projetado para o espaço urbano. Portanto, o objetivo desta pesquisa é compreender como as sujeitas LGBTQIAPN+ que permanecem em territórios rurais confrontam os desafios impostos pelo conservadorismo local e como desenvolvem estratégias próprias de resistência. A metodologia do estudo consistiu em pesquisa bibliográfica, coleta de relatos escritos de cinco LGBTQIAPN+ residentes da zona rural do RN, dos territórios rurais do Mato Grande, Terras Potiguares e Agreste Litoral Sul, com idades entre 18 a 30 anos, além do levantamento de dados em observatórios acadêmicos e organizações da sociedade civil sobre a violência urbana e rural relacionada à LGBTQIAPN+fobia. Como principais achados da pesquisa, observou-se que as LGBTQIAPN+ rurais sofrem diversas violências, que muitas vezes não são notificadas, e são naturalizadas pelo conservadorismo da família e da igreja. É notório o desejo e imaginário de migrar para uma grande metrópole para vivenciar as suas identidades. Contudo, as LGBTQIAPN+ que permanecem no rural tendem se fortalecer e buscar autonomia coletiva através de movimentos sociais como o MST como forma de sobrevivência e resistência.

**Palavras-chave:** LGBTQIAPN+; Rural; Imaginário Urbano; Conservadorismo; Resistência.

<sup>1</sup> Doutorando em Estudos Urbanos e Regionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), PPEUR - UFRN. E-mail: jeagomes50@gmail.com.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professora Associada do Instituto de Políticas Públicas e do Programa em Estudos Urbanos e Regionais, ambos da Universidade do Rio Grande do Norte (UFRN). PPEUR - UFRN. E-mail: winifred.knox@ufrn.br.

<sup>3</sup> Mestre em Estudos Urbanos e Regionais. PPEUR – UFRN. E-mail: pedro.farias.016@ufrn.edu.br.

## Introdução

*Malditas sejam todas as cercas, todos os armários e todas as leis que nos privam de viver e de amar (LGBT Sem Terra: o amor faz revolução, 2020).*

O artigo *em terra verde também brilha o arco-íris: resistência LGBTQIAPN+<sup>4</sup> ao Conservadorismo rural brasileiro<sup>5</sup>*, foi desenvolvido no intuito de apresentar as primeiras impressões e reflexões da nossa tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Estudos Urbanos e Regionais (PPEUR) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), inerente à área de concentração de dinâmicas urbanas e regionais, inserida na linha de pesquisa espaços rurais e dinâmicas territoriais. A pesquisa busca trazer ao cenário a população LGBTQIAPN+ que residem nos territórios rurais do RN, buscando compreender o processo de resistência dessas sujeitas inseridas em uma realidade em que os flagelos do conservadorismo e patriarcalismo ainda se fazem presentes no cotidiano e nas relações sociais do rural.

Destarte, o estudo trará ao campo teórico-metodológico o protagonismo de movimento de resistência elucidando o período de 2018 a 2022, em que o discurso de ódio contra a população LGBTQIAPN+ passou para narrativas de políticos importantes, como o ex-presidente da república brasileira. A metodologia da pesquisa coletou de forma virtual o relato escrito de cinco LGBTQIAPN+ residentes da zona rural do RN, indicados por uma influente liderança do movimento LGBTQIAPN+ potiguar, ligada a Secretaria de Estado das Mulheres, da Juventude, da Igualdade Racial e dos Direitos

---

<sup>4</sup> Nesse estudo, consideramos a comunidade LGBTQIAPN+, que compreende Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais, por considerar que é a que sigla que atualmente está mais atualizada embora LGBTQI+ seja a mais difundida. Entretanto, outras identidades vêm reivindicando representatividade na sigla, como é o caso dos curiosos, Amigos e Familiares, Two-spirit e Kink.

<sup>5</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Humanos (SEMJID) além da discussão teórica, através de uma pesquisa bibliográfica, e o levantamento de dados em observatórios acadêmicos e organizações da sociedade civil, sobre a violência urbana e rural relacionada à LGBTQIAPN+fobia, comparando e analisando a proporção demográfica, para nossa hipótese central.

Estudos teóricos evidenciam que, na segunda metade do século XX, era notório uma maior concentração de homossexuais em ambientes urbanos, evidenciando uma prática histórica em que a proteção e segurança desses indivíduos tornaram-se pilares dos movimentos sexuais e libertários (Martins; Rosa, 2013). Dessa forma, "a migração para a metrópole seria uma obrigação e emancipação para homossexuais. No entanto, durante os anos 2000, percebe-se uma interiorização de manifestações de sociabilidades homossexuais para além das grandes metrópoles brasileiras" (Teixeira, 2015).

Assim, é evidente que existe uma perspectiva de que a zona urbana se caracteriza como um espaço possível para a vivência de pessoas LGBTQIAPN+. Desde "a metáfora espacial de 'sair do armário' (ao revelar a homossexualidade), passando por uma força de expulsão do lar pela família, até a migração para outra cidade, o deslocamento está presente nas narrativas de vida dos homossexuais" (Teixeira, 2015, p.35). Eribon (2008, p.31) enfatiza que "a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais", ocasionando o que Martins e Rosa (2013) denominam de "diáspora gay", situação em que essa população busca nas áreas urbanas uma liberdade hipotética para expressão das identidades de gênero. Deste modo cria-se um imaginário, principalmente nas LGBTQIAPN+ que residem nas cidades pequenas da zona rural, que é baseado nessa premissa do refúgio e da possibilidade de fuga do "armário" e expressão das identidades.

Porém, ao analisar pesquisas e notícias sobre a LGBTQIAPN+fobia no Brasil, percebe-se que tanto o campo quanto a cidade apresentam realidades hostis para a população LGBTQIAPN+, enquanto os dados sobre o cenário rural são bem reduzidos, tornando um desafio a ser enfrentado ao longo da pesquisa de doutoramento.

Segundo dados presentes no dossiê do observatório do grupo gay da Bahia, em 2022, 256 LGBTQIAPN+ tiveram suas vidas ceifadas no Brasil. O estudo mostra que desse total 242 foram homicídios (representando 94,5% do total) e 14 foram suicídios (representando 5,4%). Os dados registrados reafirmam que "o Brasil continua sendo o país onde mais LGBTQIAPN+ são assassinados no mundo: uma morte a cada 34 horas" (Grupo Gay da BAHIA, 2022).

Com relação aos dados, sobre a realidade rural, não foram localizados relatórios específicos, todavia o levantamento de notícias e nos relatórios da pastoral da terra de 2020 a 2022, revelam que na zona rural, em 19 de agosto de 2019, ocorreu um trágico incidente em que Aline da Silva, uma ativista trans filiada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), foi brutalmente assassinada por dois desconhecidos durante uma festa na cidade de Arcoverde, em Pernambuco. Em 5 de junho de 2020, Safra Nunes, também uma mulher trans militante do Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), foi vítima de uma agressão transfóbica na cidade de Cedro, também em Pernambuco. Além disso, no início deste ano, mais precisamente em 26 de janeiro de 2021, no município de Pau D'Arco, no Estado do Pará, ocorreu o cruel assassinato de Fernando dos Santos Araújo, um homem gay associado ao MST (CEDOC Dom Tomás Balduino – CPT, 2020).

Ainda no ano de 2019, segundo informações do portal Marco Zero o estado de Pernambuco registrou o assassinato de Sandro, um homem gay que era professor do curso de Agroecologia na ONG Serviço de Tecnologia Alternativa (SERTA), ele atuava na defesa da agricultura familiar e dos direitos LGBTQIAPN+.

Em 03 de maio de 2021, o portal jornalístico UOL, estampava em sua manchete principal a morte de um "ativista LGBT ligado ao PT é achado carbonizado; polícia apura homofobia" (Uol, 2021). A matéria em destaque tratava-se do assassinato de Lindolfo Kosmaski, de 25 anos, LGBTQIAPN+ rural que atuava no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra (MST) e no Partido dos Trabalhadores (PT), residente do estado do Pará. Em 2022, o portal Brasil de Fato noticiou a morte de um homem

gay conhecido pelos assentados como Suzy, militante ativa do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na Paraíba. Em nota, o MST informou que ele participava ativamente das atividades do movimento e tinha o sonho de se tornar um assentado da reforma agrária. O movimento informou ainda que ele cultivava diversos produtos em sua terra (Brasil de fato, 2022).

Portanto, parte-se da hipótese que um dos fatores que contribuem para o imaginário da liberdade para os LGBTQIAPN+ rural no contexto da cidade é a construção social do campo como um território de medo, onde "o medo se territorializa no indivíduo, estabelecendo atitudes que possibilitam a diminuição da sensação de segurança, como evitar transitar e permanecer em determinados locais" (Moura *et al.*, 2020, p. 03). No entanto, essa situação também é fatídica para os centros urbanos, onde o medo se territorializa no próprio espaço urbano, em praças, ruas e lugares normalmente considerados perigosos (Moura *et al.*, 2020, p. 03). Logo, esses fatores impactam diretamente nas práticas socioespaciais da comunidade LGBTQIAPN+, que são alteradas, principalmente no ato de evitar o uso de espaços e locais urbanos, onde eles se configuram como "territórios do medo". Dessa forma, o medo se legitima como uma multiterritorialidade que varia no tempo e no espaço.

Essa situação vai de encontro ao imaginário de liberdade e refúgio cosmopolita, onde os discursos que compõem o espaço urbano e de certos grupos limitam a mobilidade dos gestos e dos afetos da população LGBTQIAPN+, restringindo o acesso a certos espaços devido ao medo e à materialização da violência. Assim, em situações de perigo e exposição à LGBTQIAPN+fobia, esses indivíduos retornam ao "armário" como medida de proteção, indo de encontro ao imaginário de liberdade cosmopolita" (Moura *et al.*, 2020, p.03).

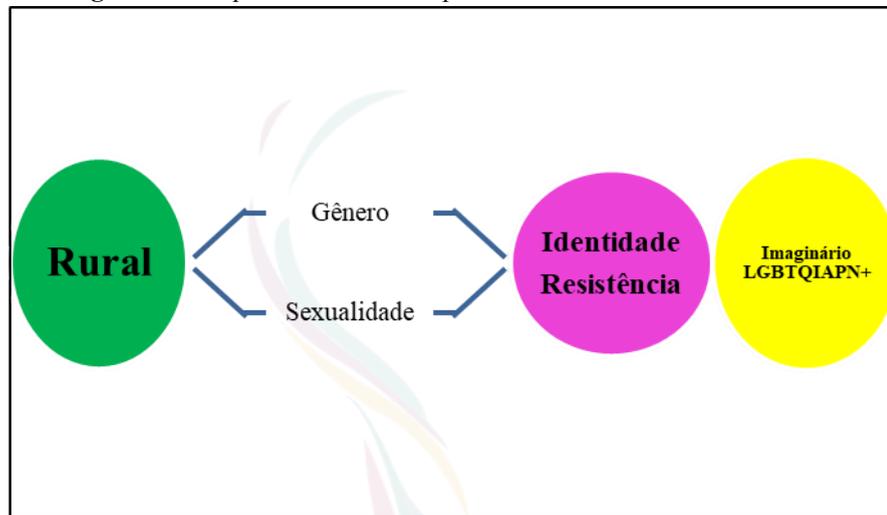
Na sequência deste artigo, além desta introdução, apresentaremos a seguir o percurso metodológico, seguido das sessões teóricas, culminando com a apresentação das análises dos formulários eletrônicos aplicados ao público de nosso estudo, finalizando com as reflexões e considerações finais.

### **Na trilha do arco-íris: procedimento metodológicos**

A presente pesquisa adotou uma abordagem interdisciplinar para investigar as práticas de resistência da população LGBTQIAPN+ inserida em contextos rurais do estado do Rio Grande do Norte, diante da heteronormatividade, da violência e da LGBTQIAPN+fobia. Para alcançar os objetivos propostos, a metodologia foi estruturada em diversas etapas que incluíram revisão bibliográfica, coleta de dados e indicadores sobre a LGBTQIAPN+fobia, pesquisa de notícias relacionadas e aplicação de um formulário eletrônico a sujeitas LGBTQIAPN+ residentes em áreas rurais, indicados por uma liderança do movimento LGBTQIAPN+ potiguar, que optou pelo anonimato, mais está ligada a gestão pública estadual.

Na primeira etapa realizou-se uma busca sistemática em periódicos científicos e bibliotecas virtuais, adotando como bases de dados o *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Periódicos Capes. Nessa busca diligente, os descritores utilizados abarcaram como temas de interesse: "rural", "gênero", "sexualidade", "identidade", "resistência", "LGBTQIAPN+" e "imaginário", todos eles considerando a língua portuguesa como âmbito de análise.

**Imagem 01** – Esquema de busca em periódicos conforme descritores chaves



**Fonte:** elaboração própria, 2023.

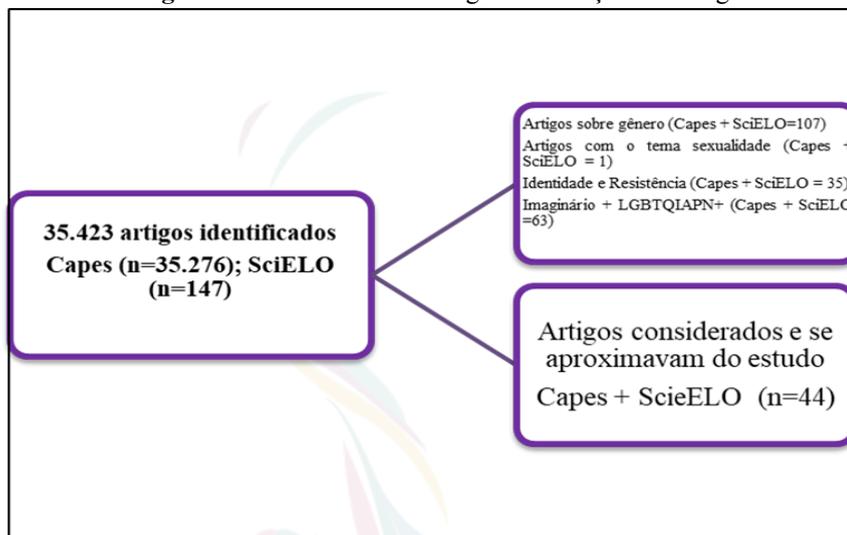
O procedimento metodológico empreendido seguiu um esquema rigoroso, obedecendo aos seguintes critérios: (i) iniciamos a pesquisa localizando artigos que abordassem questões relacionadas ao rural brasileiro, observando os resumos nos idiomas português, espanhol e inglês; (ii) em seguida, consideramos apenas os artigos que trataram sobre temáticas de gênero e sexualidade; (iii) por fim, foram selecionados apenas aqueles que abordavam as questões centrais de nossa pesquisa, a saber: identidade, resistência, conservadorismo, imaginário LGBTQIAPN+. Paralelamente, consideraram-se exclusivamente periódicos que disponibilizavam textos integrais e publicações compreendidas entre os anos 2019 e 2022. Como critérios de exclusão, descartaram-se artigos pagos e/ou de acesso restrito e textos circunscritos exclusivamente sobre a questão econômica dos espaços rurais.

Posteriormente, mediante a ferramenta de busca avançada no periódico Capes, foram identificados primorosamente **35.276** artigos que incorporaram o descritor "rural". Com a adoção do filtro "gênero" restringiu essa quantidade a somente **93** estudos, sendo que um único dentre eles abordou a temática da sexualidade. Além disso, revelou-se que **39** artigos se detinham ao descritor "identidade", enquanto outros **35**

contemplavam a questão da resistência, destacando-se dois destes com abordagem no protagonismo feminino em relação ao gênero. Quanto ao descritor "imaginário", identificou-se um conjunto de **9** artigos, os quais tratavam dos imaginários sociais e imaginários urbano-rurais, porém sem explorar de modo específico a temática das experiências LGBTQIAPN+. Já a aplicação do descritor "LGBTQIAPN+" resultou na localização de apenas um artigo pertinente. Entretanto, ao suprimir as letras "Q", "I", "A", "P", "N" e o sinal de adição, emergiram **9** estudos internacionais. Por fim, com a inclusão da letra "Q" e do sinal de adição, o rol expandiu-se para **44** pesquisas, todas elas relacionadas à comunidade LGBTQIAPN+ no contexto rural.

No âmbito do SciELO, foram adotados critérios específicos de busca, abrindo o idioma português, o período de publicação entre 2019 e 2022 e as áreas temáticas de ciências sociais e humanas, com destaque para artigos considerados citáveis. O resultado dessa minuciosa investigação revelou a presença de **147** artigos, com distribuição temporal de **33** em 2019, **33** em 2020, **42** em 2021 e **39** em 2022. A aplicação do descritor "gênero" obteve a identificação de **14** artigos, porém não foram encontrados estudos que abordassem a sexualidade. Da mesma forma, somente um artigo foi localizado com o descritor "identidade", enquanto nenhum aborda os temas de resistência, imaginário ou LGBTQIAPN+. A busca realizada com o termo de cada letra da sigla "LGBTQIAPN+" não resultou em artigos pertinentes. Por fim, no Google Acadêmico, com os descritores "rural, gênero, sexualidade" foram localizadas **2** dissertações de mestrado e **1** tese de doutorado pertinente ao nosso estudo.

**Imagem 02** - Percurso metodológico da seleção dos artigos



**Fonte:** elaboração própria, 2023.

A partir deste processo de mensuração, foram selecionados seis artigos para a realização de leitura analítica, utilizando como requisito primordial a maior proximidade com o objeto empírico do nosso estudo, onde apenas 4 foram utilizados em nossa base teórica. Essa etapa é descrita no quadro (01) subsequente.

**Quadro 01 - Artigos com análise profunda**

<b>Título</b>	<b>Autor/Autora (s)</b>	<b>Objetivo</b>	<b>Relevância para o estudo empírico</b>	<b>Localizado no Periódico :</b>
Mobilidades, Migrações e Orientações Sexuais: Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias	<b>Paulo Jorge Vieira</b>	Compreender a Inter-relação entre mobilidade, migrações e orientações sexuais	reflexões que cruzam, metaforicamente e materialmente, as formas de mobilidades com a orientação sexual nomeadamente através da análise da metáfora da ‘saída do armário’	<b>Capes</b>
Metronormatividades nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil	<b>Marcelo Augusto de Almeida Teixeira</b>	as relações migratórias a partir da ótica do gênero e identidades sexuais Compreender	A supervalorização do ambiente urbano na formação indenitária homossexual seria avaliado criticamente sob o conceito “metronormatividade”: o urbano como referência absoluta para uma suposta vida de liberdade e satisfação sexual.	<b>Capes</b>
A epistemologia do armário	<b>Eve Kosofsky Sedgwick</b>	Analisar o processo de revelação da sexualidade, trazendo a metáfora do armário	“o armário”, ou o “segredo aberto”, marcou e ainda marca a vida gay/lésbica	<b>SciELO</b>
O medo de voltar para casa: revisitando o nexo entre (homo)sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio	<b>Nicolas Wasser; Isadora Lins França</b>	Realizar uma leitura crítica da noção de sexílio, que surge nos Estados Unidos, nos anos 1990, em referência à experiência de exílio vivida por homossexuais porto-riquenhos que deixaram seu país de origem por motivo de sua orientação sexual.	No contexto brasileiro, um uso mais frequente da noção de sexílio tem surgido em pesquisas relacionadas ao refúgio de pessoas identificadas como LGBTQI+ que, ao trazer para o debate as questões relacionadas aos (não) pertencimentos e aos deslocamentos subjetivos, tensionam a fixidez das abordagens jurídicas de categorias e sujeitos.	<b>SciELO</b>
Insensatos afetos: Homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira	<b>Manoel Antônio dos Santos; Fabio Scorsolini-Comin</b>	Investigar o modo como a temática homossexual tem sido retratada na telenovela brasileira Insensato Coração, veiculada em 2011.	Influência midiática no processo de revelação e aceitação das identidades pelas famílias a partir de um instrumento midiático	<b>SciELO</b>

O movimento LGBT e as políticas de educação de gênero e diversidade sexual: perdas, ganhos e desafiosI	<b>Cláudia Pereira Vianna</b>	Explora a relação entre Estado e movimentos sociais na produção de políticas públicas de educação voltadas para o gênero e para a diversidade sexual.	Investigações acerca da relação entre Estado e movimentos sociais na produção de políticas públicas de educação, sob a ótica das relações de gênero e da diversidade sexual.	<i>SciELO</i>
--	-------------------------------	---	--	---------------

**Fonte:** elaboração própria, 2023.

No segundo momento, para compreender o cenário da LGBTQIAPN+fobia no Brasil, realizou-se uma coleta de dados e indicadores referentes à violência contra a população LGBTQIAPN+. Os dados foram obtidos a partir de fontes oficiais, como observatórios acadêmicos, relatórios de ONGs e entidades de direitos humanos, e incluíram informações sobre o número de casos de violência, homicídios e suicídios. Uma análise desses dados foi crucial para contextualizar a problemática da LGBTQIAPN+fobia e embasar o estudo empírico.

Além disso, realizou-se uma pesquisa de notícias e reportagens relacionadas à LGBTQIAPN+fobia no contexto rural brasileiro. As notícias foram coletadas de fontes de mídia digital, e serviram como complemento à compreensão dos casos específicos de violência enfrentados pela população LGBTQIAPN+ em áreas rurais, mas, infelizmente não foram encontradas notícias de grande repercussão.

Por fim, a pesquisa empírica tivera como objetivo captar, através dos relatos e expressão dos entrevistados sobre o imaginário do medo da liberdade e a subjetividade das experiências, por meio da aplicação de um formulário eletrônico. Para essa etapa, participaram do estudo cinco sujeitas LGBTQIAPN+ que residem nos seguintes territórios rurais/cidadania: Mato Grande, Terras Potiguares e Agreste Litoral Sul do estado do Rio Grande do Norte. O formulário continha perguntas semiestruturadas, abordando temas como suas experiências de resistência, enfrentamento da heteronormatividade, estratégias de empoderamento e os desafios vivenciados no

contexto rural. As respostas foram tratadas de forma anônima e confidencial, garantindo a privacidade e a segurança dos participantes.

**Quadro 02-** Perfil geral das (os) LGBTQIAPN+ participantes do estudo

PARTICIPANTES	GÊNERO	LETRA DA SIGLA LGBTQIAPN+ QUE SE IDENTIFICA	IDADE	MUNICÍPIO DE RESIDÊNCIA	PROFISSÃO/OCUPAÇÃO
Rosa		G	24	Zona rural do município de João Câmara	Estudante de Enfermagem
Verde		L	30	Zona rural do município de São José do Mipibu	Professora de Educação infantil
Violeta		+	18	Zona rural do município de Macaíba	Estudante de Turismo
Laranja		L	27	Zona rural do município de São Gonçalo do Amarante	Agricultora familiar
Amarelo		Q	22	Zona rural do município de Ceará - Mirim	Estudante do ensino médio

Fonte: elaborado pelos autores com base nas informações registradas no formulário eletrônico dos respondentes, 2023.

A análise dos dados coletados foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, permitindo identificar padrões, tendências e temas emergentes relacionados à resistência LGBTQIAPN+ em contextos rurais. A triangulação dos dados, obtida a partir da pesquisa bibliográfica, dos indicadores sobre a LGBTQIAPN+fobia, das notícias relacionadas e das respostas ao formulário eletrônico, possibilitou uma visão abrangente e aprofundada do fenômeno estudado.

Por fim, as informações coletadas foram observadas a uma discussão detalhada, que abordou os resultados à luz do referencial teórico, permitindo analisar a relação

entre as práticas de resistência e os desafios enfrentados pela população LGBTQIAPN+ em contextos rurais do estado do Rio Grande do Norte.

### **O arco –íris é distante? “Mitologia” da cidade e da capital na cultura gay**

Em todo o processo histórico brasileiro a população LGBTQIAPN+ vem sofrendo com violações de direitos básicos, que são negados aos mesmos, esse quadro se agrava quando falamos da realidade vivida nas cidades do interior, onde o conservadorismo impera. Claro que para além de tudo isso, o/a jovem tem a ilusão de que nas grandes cidades terão oportunidades de emprego e serão “aceitos”, “respeitados” por suas escolhas. Para Anne-Marie Fortier (2003), há relação entre sair do armário e diáspora, pois ambos os termos sugerem uma partida de retorno improvável para o local de origem: sair do armário seria a perda de uma suposta origem ubíqua (a heterossexualidade), enquanto a diáspora seria a perda da terra de nascença. O que sabemos que, na prática, não acontece, ou seja, o preconceito e a homofobia estão presentes tanto no campo como na cidade.

O estudo é importante para compreender as dicotomias do campo e cidade frente às questões de gênero. Além de romper com a visão hegemônica, dualista e atrasada entre campo e cidade que instaurou um pensamento de oposição, propagado no imaginário populacional, criando “certa “rivalidade” entre tais categorias, de um lado a cidade, no qual os cidadãos visualizaram o campo como o espaço do atraso, lentidão, inferioridade e muitas obras terminaram por contribuir para estigmatizar esse ideário” (Ferreira, 2018, p.01). Os estudos de Teixeira (2015, p.31) elucidam que:

a dicotomia urbano/rural está presente na formação identitária dos homossexuais no Brasil, afetando os movimentos migratórios nacionais, conforme indicado por Richard Parker: a cidade é construída no imaginário gay brasileiro como lócus de modernidade, movimento, liberdade sexual, aceitação, oferta de corpos e de produtos da moda. Isto em contraposição com o rural: considerado parado, atrasado, opressivo, tedioso. Essa construção seria uma bricolagem constituída de diversos fragmentos.

Sendo assim, é importante romper com paradigmas e estigmas que rotulam o rural como “atrasado”, afastado da tecnologia, da comunicação e do ambiente urbano. Desconstruindo a imagem de “homens, mulheres e crianças camponesas passivos, omissos, cabendo, muitas vezes, em uma única página, peças de um jogo discursivo que exclui outros modos de vida, outros encontros, outros afetos” (Rogers, 2006).

Portanto, é importante que além das cidades os espaços rurais possam ser democráticos, onde as relações sociais sejam possíveis, que as expressões de gênero sejam vividas sem a necessidade da busca pela imaginária liberdade cosmopolita e que a ideia do “ ser previsível, masculinizado que vive em função do trabalho, da família, da religião e da comunidade” (Rogers, 2006), sejam apenas ideias hipotéticas na teoria.

Assim, a fantasia e possibilidade de libertação do “armário”, de um corpo assumidamente LGBTQIAPN+ que transcende as normatividades das identidades de gênero, expressivamente em lugares normalizadores, como os assentamentos rurais, cidades pequenas e zonas não urbanas, recolocam os espaços dos movimentos LGBTQIAPN+.

Pois, como bem afirma Foucault (2004b), esses movimentos, tradicionalmente marcados pela luta cívica e política, teriam o poder de extrapolar suas necessidades para uma estética, uma arte que possibilita que gays e lésbicas usufruam de sua sexualidade como autocriação de novas formas de relacionamento e amor, ou seja, criar uma cultura gay que retirasse a sexualidade do segredo, assim como se compreende a força política e criativa de tais emancipações.

Desde o início dos anos sessenta, produziu-se um verdadeiro processo de liberação [sexual]. Este processo foi muito benéfico no que diz respeito às mentalidades, ainda que a situação não esteja definitivamente estabilizada. Nós devemos ainda dar um passo adiante, penso eu. Eu acredito que um dos fatores de estabilização será a criação de novas formas de vida, de relações, de amizades nas sociedades, a arte, a cultura de novas formas que se instaurassem por meio de nossas escolhas sexuais, éticas e políticas. Devemos não somente nos defender, mas também nos afirmar, e nos afirmar

não somente enquanto identidades, mas enquanto força criativa (Foucault, 2004b, p. 265).

Portanto, ao refletimos as práticas das LGBTQIAPN+ em áreas rurais ou não urbanas, nos referimos ao conceito de gênero, categoria que vem sendo proposta que, nas palavras de Butler (2003), vai além da simples organização em torno da anatomia sexual para torná-la mais apropriada ligados aos efeitos dos atos de fala disponíveis que foram modificados historicamente, produzindo diferenças na relação entre o psicológico e o social.

Quando pensamos na resistência ao poder, a normatividade e a LGBTQIAPN+fobia no meio rural, observamos que esses padrões subversivos e as normas subjetivas ditadas pelas políticas normativas inspiram impulsos afirmativos e demandam outras sensibilidades (Rosa, 2009). O sujeito busca estabelecer uma área no plano, acrescentar uma área a uma já existente, explorar uma nova área, preencher uma lacuna (Deleuze, 1996, p. 234).

Assim, é notório que exista uma relação entre a possibilidade da vivência LGBTQIAPN+ e região urbana. Eribon (2008, p.31), enfatiza que “a cidade sempre foi o refúgio dos homossexuais”. Os estudos de Parker (2002, p. 251-252), elucidam que:

para os homens que foram criados no interior, em áreas rurais ou pequenas cidades, a nova abertura, o anonimato e a tolerância de capitais estaduais ou regionais como Fortaleza podem representar um enorme alívio. Para homens que cresceram nessas cidades, contudo, o peso da vigilância familiar, a pressão social da vizinhança e assim por diante podem ser excessivos, e fugir para cidades grandes como o Rio de Janeiro ou São Paulo passa a ser uma alternativa.

Destarte, percebe-se que existe uma relação entre a não-heterossexualidade e o ambiente urbano, o que ocasiona uma problemática ao meio rural, interferindo em questões como o enfraquecimento dos territórios, ameaça aos saberes tradicionais da agricultura, risco à memória e identidade rural. Didier Eribon (2008, p.31-33) ao constatar que as cidades sempre foram refúgio para os LGBTQIAPN+, afirma que “hoje

ainda, é permanente a migração dos gays e das lésbicas para as cidades grandes ou as capitais” homossexualidade tem ligação com a cidade”, onde Vieira (2011, p.50) enfatiza que “um dos elementos centrais da construção das subjetividades lésbicas e gays está relacionado com a atratividade dos espaços urbanos centrais, em especial as metrópoles”. Segundo Teixeira (2015, p.27):

a cidade, mesmo com o anonimato oferecido pelas massas urbanas, contraditoriamente pavimentaria o caminho para a formação identitária “homossexual” e “lésbica”, porque no urbano os corpos identificados (ou estigmatizados) com essas subjetividades se tornaram legíveis, para si e para os outros, reconhecendo-se, agrupando-se ou repelindo-se. Ou seja: migração trouxe a oportunidade e/ou a necessidade de corpos se libertarem da vigilância do meio rural; o capitalismo forneceu os meios necessários para estes corpos se libertarem da dependência econômica familiar, dando-lhes certa autoridade sobre seus próprios corpos; a urbanização produziu espaços que por sua vez forneceram oportunidades de encontros sexuais e reconhecimento, além de proporcionar o anonimato que não só protegia como tornava legível a preferência sexual.

Todavia não se deve pensar que não existe afetividade e relações entre LGBTQIAPN+ residentes em zonas rurais, uma vez que Rogers (2006) em sua pesquisa etnográfica constatou a prática de relações homossexuais masculinas em um pequeno povoado rural no interior do Ceará. Nessa mesma linha de pensamento Teixeira (2015, p.32) afirma que “com o advento da Internet, das salas de bate-papo *online*, das redes sociais e dos aplicativos de *geolocalização* gays, a sociabilidade homossexual em pequenas cidades (e mesmo no meio rural) seria reconfigurada, desestabilizando polaridades como centro e periferia, urbano e rural” mostrando exatamente que em meados dos anos 2000 ocorre a interiorização das manifestações da sociedade homossexual fora das grandes metrópoles do Brasil.

Apesar disto, as zonas urbanas ainda são atrativas para muitas pessoas LGBTQIAPN+ coadunando com o que Eribon (2008, p. 32) chama de “mitologia” da cidade e da capital na cultura gay, ou seja, um imaginário coletivo da homossexualidade no que diz respeito à existência de um “mundo gay” nas grandes cidades. Por que as

metrópoles possibilitam o estabelecimento de um “mundo gay”? A partir desse contexto é importante destacar dois conceitos que são relevantes ao nosso estudo, principalmente quando se busca analisar a migração de LGBTQIAPN+ das zonas rurais para os centros urbanos. O primeiro deles seria a região moral de Park (1976) e o *anonimato relativo* de Velho; Machado (1977). Em cidades pequenas não urbanizadas, embora que os sujeitos e sujeitas desempenham papéis diferentes, estes são reconhecidos pelo seu grupo social onde “a rotina da cidade do interior consiste exatamente nisso”. As expectativas são cumpridas cotidianamente” (Velho; Machado, 1977, p. 80).

Portanto, manter um relacionamento com alguém do mesmo sexo de forma anônima em cidades pequenas é bem improvável porque a vigilância social é forte, em comparação às grandes cidades onde é possível manter esse anonimato característico da grande metrópole possibilidade de desempenhar papéis diferentes em meios sociais distintos, não coincidentes e, até certo ponto, estaques. Isto é o que seria o anonimato relativo” (Velho; Machado, 1977).

Entretanto, esse anonimato não é absoluto uma vez que a própria mobilidade que favorece o deslocamento de um indivíduo entre diversos meios sociais dificulta a existência de áreas que sejam exclusivas (Velho; Machado, 1977, p. 80). Destarte, a liberdade que os grandes centros urbanos proporcionam a população LGBTQIAPN+ permite com que os que vivem no “armário” onde “a grande cidade se torna um refúgio, principalmente para aqueles que em algum momento divergem do comportamento padrão: sendo menos vigiados são igualmente menos punidos” (Lanzarini, 2013, p. 71).

Mas, embora a cidade grande proporcione um relativo anonimato, ela permite a construção de redes afetivas onde pessoas com interesses, gostos e desejos semelhantes interajam umas com as outras como destaca Eribon (2008, p.34) “um homossexual que decide ir viver numa cidade grande agrega-se àqueles que seguiram esse percurso antes dele e faz existir um mundo que o atrai e com o qual ele, com frequência, sonhou muito tempo antes de poder a ele ter acesso”.

Assim, é importante destacar que nem todos os sujeitos e sujeitas rurais embarcam em uma "diáspora" em direção ao mundo urbano; muitos vivem no meio rural, adotando novas formas de convivência e sobrevivência, com diferentes aspectos do metropolitano, formulando sua própria resistência diante da heteronormatividade. Magalhães (2017) leciona que o vivenciar de uma sexualidade ou de uma expressão de gênero dissidente no meio rural deve ser entendido como um evento de dimensões e alcances distintos do praticado no meio urbano.

### **LGBTQIAPN+ rurais e o imaginário da liberdade**

Perverso, mal-amado, menino malvado, muito cuidado. Má influência, péssima aparência, menino indecente, viado (Caio Prado, 2014).

A seguir, apresentamos um recorte preliminar das entrevistas realizadas com cinco indivíduos LGBTQIAPN+ que residem em áreas rurais do Rio Grande do Norte, público alvo de nossa pesquisa. A seleção dos participantes foi feita com a auxílio de um líder do movimento LGBTQIAPN+ potiguar, que nos forneceu uma lista contendo sete nomes e endereços de e-mail. Em seguida, enviamos formulários eletrônicos aos sete indicados, recebendo respostas de apenas cinco deles. O objetivo dessa etapa foi compreender o processo de resistência dessas sujeitas em face do preconceito, discriminação e violência LGBTQIAPN+fóbica nas áreas rurais do estado. Buscamos também investigar se há, de fato, um fenômeno de fuga ou migração desses indivíduos e se o movimento LGBTQIAPN+ tem se fortalecido nesses territórios.

É importante ressaltar que estas são, exclusivamente, premissas iniciais de nossa pesquisa, as quais demandam uma extensa mensuração e investigação antes de serem generalizadas para uma audiência mais ampla. A aplicação dos formulários ocorreu entre o período que abrange os meses de março a maio de 2023, durante o qual o instrumento de coleta ficou acessível para o registro de respostas. O instrumento de pesquisa adotado compreende um conjunto de dez perguntas abertas, as quais visam

compreender as táticas de resistência aceitas pelas sujeitas, bem como as dificuldades enfrentadas, o processo de autodescoberta e revelação de sua orientação sexual, o impacto do ativismo LGBTQIAPN+ na luta por direitos e inclusão nos territórios rurais.

Com o objetivo de assegurar a preservação do anonimato dos participantes, para a exposição da análise das respostas, abstivemo-nos de solicitar informações de cunho pessoal, como nomes próprios ou sociais. Em substituição, cada participante selecionou uma das sete cores da bandeira do movimento LGBTQIAPN+ como meio de identificação. Por meio de uma análise de conteúdo, alocamos a apresentação dos resultados em cinco categoriais a saber: processo de aceitação, influência conservadora, desafios para a LGBTQIAPN+ rural, resistência e busca por territórios de sociabilidade. Essas foram consideradas por meio das semelhanças obtidas nos relatos escritos.

### **Processo de aceitação**

A primeira categoria foi relacionada ao processo de aceitação dos respondentes ou saída do armário. Em todos os relatos, percebemos que esse foi um processo angustiante, uma vez que os participantes relataram que foram criados em um ambiente familiar, cristão e conservador. Segundo relato do participante Rosa (2023) seus pais alimentavam expectativas de que ele ingressasse nas forças armadas e estabelecesse residência na área urbana, junto com sua futura esposa e filhos. A participante Verde (2023), destacou que durante sua trajetória frequentemente ouvia piadas do tipo: "você está muito velha para estar solteira" ou "essa garota nunca arrumou um namorado", além de comentários do tipo "há algo estranho aí, vou te apresentar meu amigo"(Verde, 2023).

Sobre o processo de revelação da orientação sexual, o estudo de Nascimento e Scorsolini-Comin (2018, p. 1535) nos oferece perspectivas elucidativas, onde segundo eles:

tem-se que o lar desses jovens acaba por ser o cenário de grandes conflitos, principalmente logo após a revelação da orientação sexual. Há uma tentativa da família em trazer o (a) jovem para a norma sexual hegemônica, o que traz mais sofrimento para todos os envolvidos. Um modo como os pais tentam resolver essa questão da revelação é por meio das violências física e psicológicas, o que pode colaborar para que a revelação seja adiada ou ocultada, dependendo do caso.

Ademais, desde o nascimento dos filhos, os pais costumam adotar padrões ao gênero da criança, moldando a educação dentro de um sistema heteronormativo, assim, no decorrer de suas vidas, ao aflorar da sexualidade, esses indivíduos se deparam com desafios ao se afastarem da norma estabelecida pelos pais e sofrem com a violência psicológica do medo.

Ainda sobre o chamado processo de libertação ou saída do "armário", que segundo Sedgwick (2007), essa estrutura física seria um elemento metafórico para representar a opressão gay do século XX. Para muitas LGBTQIAPN+, é um momento frustrante e decisivo, sendo considerado uma "espada de dois gumes", pois o apoio da família pode ser total, parcial, inexistente, ou até mesmo frontalmente repressivo, desta maneira:

a homossexualidade, quando revelada à família, pode vir a ser um problema nas relações. Para os jovens que decidem pelo coming out (sair do armário), a frustração pode ser grande diante do impacto causado aos familiares, que, em muitos casos, não conseguem tornar o ambiente acolhedor, do modo que é esperado por esta instituição. Comumente, os familiares exteriorizam agressões, ameaças e outros muitos tipos de violências que evidenciam a intolerância, frustração e medo por se depararem com a existência de um (a) filho(a) homossexual (Nascimento; Scorsolini-Comin, 2018, p.1529)

Assim, o núcleo familiar revela-se como um espaço ambivalente para a comunidade LGBTQIAPN+, podendo ser tanto um refúgio acolhedor quanto um ambiente permeado por hostilidade e insegurança. Contudo, para aqueles que residem em áreas rurais, tais desafios se tornam ainda mais acentuados. Assim, ao contrário das grandes cidades, onde os indivíduos LGBTQIAPN+ costumam buscar apoio em

instituições, ONGs e redes de amigos, os residentes rurais enfrentam não apenas a falta de aceitação familiar, mas também a solidão, o julgamento de suas comunidades locais e a falta de apoio social, emocional e financeiro. Diante deste cenário, muitas pessoas optam por manter o silêncio sobre suas identidades e optam por retornar ao "armário".

### **Influência conservadora**

Em todos os relatos de nossos respondentes, destaca-se a influência conservadora das igrejas nas relações sociais rural, exercendo um papel negativo e punitivo no processo de aceitação e libertação das diversidades LGBTQIAPN+. Ao ser indagado sobre a vivência de ser LGBTQIAPN+ no contexto rural, Rosa (2023) relata que é um desafio e que a falta de recepção e visibilidade se configura como um dos principais obstáculos que enfrenta, especialmente por parte de seus familiares.

Deste modo, falas como esta, ressaltam que ideário do núcleo familiar heteronormativo, presente nos discursos dos residentes mais idosos das áreas rurais, provoca uma reflexão sobre como, por um longo período, a Igreja Católica exerceu e continua exercendo influência nos aspectos relacionados à construção das identidades sexuais no contexto do campo. Essa influência ortodoxa remonta ao período colonial, conforme discutido por Del Priore (2005) em sua obra, onde destaca-se como a igreja, ao se apropriar a representação do pensamento patriarcal característico do contexto colonial, influenciou e explorou as relações de dominação presentes nos encontros entre as sexualidades.

Portanto, apesar das mudanças nas relações e padrões sociais, a igreja ainda continua a cumprir um papel chave na perpetuação da cultura patriarcal e conservadora, tanto nas áreas urbanas quanto rurais, embora sua regulação e influência sejam mais pronunciadas em comunidades de menor porte. Sobre sua participação em igrejas e ligações religiosas, o respondente Rosa (2023) relata ter frequentado uma igreja católica com seus pais durante a infância e adolescência, porém, sempre percebeu que se

diferenciava do ideal normativo acalentado por seus progenitores e que os sonhos que eles tinham para com ele seriam frustrados, uma vez que ele não se encaixava nessa normativa familiar.

### **Desafios para a LGBTQIAPN+ rural**

Nesse contexto, um dos desafios enfrentados pela comunidade LGBTQIAPN+ no meio rural reside no controle e na interação social nas relações de sociabilidade em que estão inseridos. Conforme ressaltado por Wanderley (2007, p. 24), esse ambiente apresenta particularidades específicas que são intrínsecas às comunidades rurais dominadas pela agricultura familiar, a saber:

sociedades do interconhecimento, ou seja, todos (as) se conhecem e as relações sociais são bastante densas; 2) têm uma tradição passada de geração a geração, pois a preocupação com as gerações futuras não se limita aos bens materiais, mas também aos bens culturais. Desta forma, o (a) jovem do campo está circunscrito (a) por uma teia de densas relações entre a casa (família) e a vizinhança (comunidade), localizado (a) entre o passado e o presente das tradições familiares. É um (a) jovem “multifacetário (a) que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural”.

Portanto, a comunicação interpessoal ocorre de forma ampla, permitindo que os assuntos cotidianos da comunidade cheguem ao um público mais amplo. Essa dinâmica resulta em um controle social que reprime e ridiculariza qualquer indivíduo que se desvie das normas conservadoras e patriarcais dessas localidades. Em contraste com o ambiente urbano, onde a expressão da liberdade é mais prevalente, o espaço rural restringe aqueles que lutam pela busca de sua identidade de gênero ou orientação sexual, uma vez que as relações sociais no campo são mais intensas entre todos os membros da comunidade (Gomes et al., 2017, p. 06).

O participante Violeta (2023), ao descrever as dificuldades em vivenciar sua identidade, revela que muitas vezes recebe zombarias e críticas quanto à sua forma de se

vestir e se portar. Em suas palavras, revela que “nunca discuti o assunto com minha família, mas devido à mentalidade retrógrada de meus pais, acredito que eles me expulsariam de casa e jamais me aceitariam como sou...., entretanto, no fundo, sei que eles têm conhecimento da minha verdadeira identidade, apenas optam por não a aceitar e silenciar”.

Os relatos mostram as estruturas de opressão e trazem a necessidade urgente de novas mentalidades que incorporem novas identidades LGBTQIAPN+ permitindo a compreensão delas nos territórios rurais. A figura do camponês de masculinidade normativa, muitas vezes emerge como uma masculinidade tóxica, que exclui outras identidades e formas diversas de sexualidades, um elemento presente nas páginas da história brasileira. Para que o quadro mude é necessária uma mudança de pensamento, imaginário/mentalidade e ação coletiva, integrativa e de solidariedade entre organizações LGBTQIAPN+, movimentos sociais, peças fundamentais para a promoção da igualdade e da justiça social nas comunidades rurais.

### **Resistência**

No que se refere ao processo de resistência, o participante Violeta (2023) ressalta a ausência de espaços inclusivos em sua comunidade, onde as pessoas se encontram fortemente vinculadas à igreja católica local e à sua paróquia. Ele lamenta: "Há poucos gays que residem aqui, e isso me faz sentir solitário em relação a essa questão”.

Destarte, percebemos a complexidade das dinâmicas de poder e normatividade presentes nas estruturas sociais rurais. As experiências compartilhadas pelos participantes revelam os desafios enfrentados por indivíduos LGBTQIAPN+ em contextos rurais, onde o processo de aceitação social é doloso e as normas conservadoras se fazem arraigadas no cotidiano da população.

Diante deste cenário, ao questionarmos as estruturas de poder e as normas sociais que perpetuam a exclusão e a marginalização de indivíduos LGBTQIAPN+ das comunidades rurais, temos a reflexiva de que a busca por alternativas que promovam a igualdade, a justiça e a valorização da diversidade sexual e de gênero, com a implementação de políticas públicas que proponham ações que resultem em inclusão, que reconheçam as particularidades e as necessidades do movimento, que busquem a coibir de forma a penalizar ações a todos os tipos de violência a essas sujeitas, bem como a promoção e criação de espaços seguros e de sociabilidade, ações necessárias para permanência dessa população nos territórios rurais.

Como forma de resistência, essas sujeitas buscam apoio em coletivos de movimentos sociais de luta pela terra como o MST, além da interação virtual por meio de grupos de *WhatsApp* e os coletivos dos colegiados territoriais, que são núcleos de interesse público, cujo o objetivo é debater o desenvolvimento territorial, considerando as esferas social e econômica dos territórios.

### **Busca por territórios de sociabilidades**

Avaliando os relatos foi notório que em três deles foi citado o desejo por locais seguros para exercerem a sociabilidade abertamente com os membros da comunidade, dois citaram que iriam para a cidade de Natal, com o objetivo de encontrar outras LGBTQIAPN+ e expressarem-se livremente, o que nos faz refletir sobre a necessidade da busca pelas redes de apoio de vivência, compartilhamento de experiências e solidariedade frente às violências. Muitas vezes esse apoio é inviabilizado na zona rural, justamente por não existirem espaços sociais que possibilitem as vivências das identidades heteronormativas, além do fato de que no rural o distanciamento físico das pessoas é a característica básica nas comunidades e assentamentos rurais. Considera-se importante a reflexão sobre o reforço necessário da criação de oportunidades de diálogo

e conscientização, no sentido do encorajamento e denúncia a fim de combater o preconceito e promover uma cultura de aceitação e inclusão.

### **Considerações Finais**

Diante do exposto, é nítido o enraizamento sobre o qual se erguem os padrões conservadores e patriarcais na zona rural brasileira, onde muitos núcleos familiares ainda estão imersos nas tradições padronizantes e heteronormativas do processo histórico colonial, que durante muito tempo contou com a influência da igreja para confirmação do controle de padrões de sexualidade nas relações sociais da população. Todavia, emergem, nesse contexto, movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que tem incorporado e executado ações concebidas no sentido de possibilitar experiências enriquecedoras para permanência e desenvolvimentos das identidades de sujeitas LGBTQIAPN+, sem a necessidade da “diáspora gay”. Contudo, é perceptível que persistem numerosos episódios de LGBTQIAPN+fobia nos contextos rurais, os quais, frequentemente, são subnotificados ou enquadrados como outras modalidades de crime.

Assim, a presente investigação permitiu considerar que a concepção amplamente difundida de que as metrópoles constituem refúgios seguros e acolhedores para a comunidade LGBTQIAPN+ ainda persiste no imaginário de liberdade dos territórios rurais, embora números de homicídios na área urbana venham desmistificar esse imaginário. Mas também é válido ressaltar que o estudo evidenciou a ausência de acompanhamento de dados e pesquisas sistemáticas sobre a violência de causa LGBTQIAPN+fobia no rural, sendo que este artigo se constitui como um recorte específico do escopo abrangente de nossa pesquisa de doutoramento em Estudos Urbanos e Regionais - UFRN.

Como resistência, é perceptível a importância e o apoio dos movimentos sociais do rural, esses servem de bases de apoio para a comunidade LGBTQIAPN+ que se

apoiam em suas lutas como forma de visibilidade, principalmente nos territórios que não possuem alguma organização coletiva para a comunidade.

### Referências

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**; tradução de Klauss Brandini Gerhardt. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.2). São Paulo, SP: Paz e Terra, 2006.

CAIO PRADO. Não. Recomendado. Rio de Janeiro: Deck Produções Artísticas Ltda.: 2014.4 minutos.

CEDOC: Centro de Documentação Dom Tomás Balduino – **Comissão Pastoral da Terra - Conflitos no Campo Brasil 2020 - Resumo do Download**. Disponível em: <<https://www.cptnacional.org.br/downloads/summary/41-conflitos-no-campo-brasil-publicacao/14242-conflitos-no-campo-brasil-2020>>. Acesso em: 01 jul. 2023.

DEL PRIORE, Mary. **História do Amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2005.

DELEUZE, G. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Rio de Janeiro: 34, 1996. v.3.

EBRAHIM, R. **Assassinato de educador acende alerta para subnotificação de crimes de ódio contra LGBTs** - Marco Zero Conteúdo. Disponível em: <<https://marcozero.org/assassinato-de-educador-acende-alerta-para-subnotificacao-de-crimes-de-odio-contralgbts>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

ERIBON, D. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FERREIRA, G. S. A relação campo cidade: dicotomia ou continuidade. In: **VII CONINTER**, 2018, Rio de Janeiro. Congresso Internacional, 2018.

FORTIER, Anne-Marie. "Queer Diáspora." In: **Handbook of Lesbian and Gay Studies**, 2002. SAGE Publications. [online] Disponível em [http://www.sageereference.com/hdbk\\_lgs/Article\\_n12.html](http://www.sageereference.com/hdbk_lgs/Article_n12.html). Acesso em: 10 dez. 2022.

FOUCAULT, M. **Uma entrevista: sexo, poder e a política da identidade**. (Entrevista de Michel Foucault a B. Gallagher e A. Wilson. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento). Verve, vol. 5, 2004b. (260-277).

FOUCAULT, M. “Os corpos dóceis”. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 29ª ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004a.

FRANCO, Maria. **Sem-terra gay é assassinado em assentamento na Paraíba; MST denuncia crime de homofobia**. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2022/07/05/sem-terra-gay-e-assassinado-em-assentamento-na-paraiba-mst-denuncia-crime-de-homofobia>>. Acesso em: 01 nov. 2022.

GOMES, J.C. S *et al.* **Colorindo o campo: a diversidade sexual no espaço rural**. Anais V ENLAÇANDO. Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31470>>. Acesso em: 28 dez. 2022.

LANZARINI, R. Jorge. **Empresário de fora, casado e versátil. Homoerotismo no anonimato das viagens**. Tese – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 2013. 255 p.

MAGALHÃES, Pedro Mourão De Moura. **Terra, amor e existência: sobre a atuação do coletivo LGBT do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**. Trabalho de Conclusão de Curso – Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

MARIANO, A. S.; MARRO. K.I. As LGBTI+ do Campo e a Luta Contra LGBTIfobia. **CONFLITOS NO CAMPO BRASIL**, v. 1, p. 222-230, 2021.

MOURA, P.; DUARTE, T. S. Territórios do Medo para a População LGBTQIA+: Uma Análise dos discursos sobre a Fragmentação da cidade. In: XXIX - Congresso de Iniciação Científica, 2020, Pelotas. **XXIX - Congresso de Iniciação Científica**. Pelotas: UFPel, 2020. v. 1. p. 01-04.

PARK, R. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: VELHO, O. (org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PARKER, Richard Guy. **Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2002. 380 p.

PELANDA, L. **Ativista LGBT ligado ao PT é achado carbonizado; polícia apura homofobia**. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/05/03/professor-e-ativista-lgbt-ligado-ao-pt-e-achado-morto-pc-apura-homofobia.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

ROGERS, P. **Os afectos malditos. O indizível das sexualidades camponesas.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ROSA, R. M. **Corpos híbridos na docência:** experiências, narrativas de si e (des) construção das masculinidades no magistério. (Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação pelo curso de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina/UEDESC). Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Gladys Mary Ghizoni Teive. FLORIANÓPOLIS (SC). 2009.

SCORSOLINI-COMIN, F., & SANTOS, M. A. (2012). Insensatos afetos: Homossexualidade e homofobia na telenovela brasileira. **Barbarói**, 36, 50-66.

SCHMITZ, A. **Mortes violentas de LGBTQ+ Brasil: Observatório do Grupo Gay da Bahia, 2022.** Disponível em: <<https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>>. Acesso em: 28 jul. 2023.

SEDGWICK, E. K (2007). A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, 17, 19-54.

TEIXEIRA, M. “‘Metronormatividades’ nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil”. *Áskesis*, São Carlos-SP, 4, p. 23-38, 2015.

TERRA, MS **LGBT Sem Terra: o amor faz revolução**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=04MnkQdV0Js>>. Acesso em: 30 jul. 2023.

VELHO, G.; MACHADO DA SILVA, L. “**Organização social no meio urbano**”. *Anuário Antropológico*, 76, p. 71-82, 1977.

VIEIRA, P. “**Mobilidades, Migrações e Orientações Sexuais. Percursos em torno das fronteiras reais e imaginárias**”. *Ex aequo*, Lisboa-PT, 24, p. 45-59, 2011.

WANDERLEY, Maria de N. **Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro.** In: CARNEIRO, Maria; CASTRO, Elisa (Orgs.). *Juventude rural em perspectiva*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

In green land also shines the rainbow: LGBTQIAPN+ resistance to Brazilian rural conservatism

**Abstract:** This article proposes a gender-based investigation into resistance practices adopted by LGBTQIAPN+ individuals within rural contexts in the state of Rio Grande do Norte, Brazil, in response to heteronormativity, violence, and LGBTQIAPN+ phobia. The research is grounded on the premise that in small communities, individual control is more pronounced, and media and social representations create an idealized imaginary of LGBTQIAPN+ freedom and experiences in urban and metropolitan areas, where the expression of (dis)gender identities is facilitated. Considering this context, one form of resistance explored is the migratory movement towards major urban centers. However, the study critically examines whether this purported quest for cosmopolitan freedom genuinely leads to greater emancipation or merely constitutes a component of a positively projected urban imaginary. The objective of this research is to comprehend how LGBTQIAPN+ individuals who remain in rural territories confront challenges imposed by local conservatism and develop their own strategies of resistance. The study adopts a methodology involving bibliographic research and the collection of written testimonies from five LGBTQIAPN+ residents of rural zones in Rio Grande do Norte, specifically the regions of Mato Grande, Terras Potiguares, and Agreste Litoral Sul, aged between 18 and 30 years. Additionally, data was gathered from academic observatories and civil society organizations regarding urban and rural violence related to LGBTQIAPN+ phobia. The research findings shed light on the diverse forms of violence experienced by rural LGBTQIAPN+ individuals, often unreported and normalized within conservative family and religious structures. The desire and imaginary of migrating to a large metropolis for identity expression are evident. However, those LGBTQIAPN+ individuals who choose to remain in rural areas demonstrate resilience and seek collective autonomy through social movements like the MST as a means of survival and resistance.

**Keywords:** LGBTQIAPN+; Rural. Urban Imaginary; Conservatism; Resistance.

**Recebido:** 31/07/2023

**Aceito:** 21/06/2024